

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM JAMES CAAN
23 de setembro de 2022

THE YARDS / 2000 NAS TEIAS DA CORRUPÇÃO

um filme de JAMES GRAY

Realização: James Gray *Argumento:* James Gray, Matt Reeves *Fotografia:* Harris Savides *Montagem:* Jeffrey Ford *Som:* Phil Benson (*supervisão*) *Design de produção:* Kevin Thompson *Direção Artística:* Judy Rhee *Cenários:* Ford Wheeler *Guarda-roupa:* Michael Clancy *Efeitos Especiais:* John Ottesen *Duplos:* Jerry Hewitt (*coordenação*) *Interpretação:* Mark Wahlberg (Leo Handler), Joaquin Phoenix (Willie Gutierrez), Charlize Theron (Erica Soltz), James Caan (Frank Olchin), Ellen Burstyn (Val Handler), Faye Dunaway (Kitty Olchin), Steve Lawrence (Arthur Mydanick), Andy Davoli (Raymond Price), Tony Musante (Seymour Korman), etc.

Produção: A Paul Webster / Industry Entertainment Production (Estados Unidos, 2000) *Produtores:* Kerry Orent, Paul Webster, Nick Wechsler *Co-produtores:* Christopher Goode, Matt Reeves *Produtores executivos:* Jonatahn Gordon, Bob Weinstein, Harvey Weinstein *Data de estreia:* 19 de Maio de 2000, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Estreia comercial em Portugal:* 15 de Junho de 2001, nos cinemas Monumental e King *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendado em português, 115 minutos *Primeira exibição na Cinemateca.*

A primeira longa-metragem de James Gray, *LITTLE ODESSA*, atraiu de imediato as atenções sobre o realizador, tanto por causa do filme (uma sussurrada tragédia familiar, contada num registo a que toda a gente chamou "neoclássico", seguro e bem dominado) como pela juventude (apenas 25 anos) e quase absoluta ausência de "background" cinematográfico que Gray contava nessa altura. Sucesso (pelo menos de estima) um pouco por todo o lado, nomeadamente no Festival de Veneza (onde arrebatou um Leão de Prata) *LITTLE ODESSA* gerou, portanto, considerável expectativa em torno do seguimento da carreira de James Gray.

Para esse seguimento foi preciso esperar cerca de seis anos. Com uma lucidez invejável – quantos cineastas de 25 anos não correriam à boleia da fama de tão badalada estreia? – James Gray não se apressou. Quer trabalhar dentro da "indústria", mas sem se submeter a ela, e dominou desde o princípio a arte da auto-preservação. Filmou outra vez apenas quando teve a certeza de que o filme o que queria da maneira que queria, mais concessão menos concessão. *THE YARDS* foi a sua segunda longa-metragem, a que se seguiu novo interregno de mais sete anos até *2007* e *WE OWN THE NIGHT*. Só depois deste filme Gray engrenou outra velocidade, fazendo suceder com relativa rapidez *TWO LOVERS* e *THE IMMIGRANT*, este último apresentado em Cannes 2013 e ainda sem estreia comercial nos EUA. Mas se *THE YARDS* – *NAS TEIAS DA CORRUPÇÃO* era um dos filmes mais aguardados da edição do ano 2000 do Festival de Cannes, a verdade é que as expectativas terão sido um pouco defraudadas. Gray já não beneficiou do efeito de surpresa, e o facto de *THE YARDS* ser um filme bastante semelhante a *LITTLE ODESSA* terá contribuído para que a recepção tenha sido um pouco fria.

Farão sentido essas reservas? Que Gray se repete, e que Gray se quer repetir, é óbvio, e ele já o disse expressamente. Sobretudo nesta trilogia inicial em que encontramos os mesmos elementos narrativos dispostos em todos os filmes. Em *THE YARDS* estamos novamente imersos num ambiente de saga familiar, paredes meias com o filme de "gangsters" ou com o filme de "mafia", num cenário que volta a ser o subúrbio de Nova Iorque, habitado por comunidades de imigrantes, lugar preferencial dos filmes de Gray, e de certa maneira a sua origem, pessoal (Gray é ele próprio descendente de imigrantes) e artística (como bem se vê em *THE IMMIGRANT*, que o explicita como nunca). A história também é, outra vez, o relato de uma dissolução familiar – a partir de uma personagem (a de Mark Wahlberg) que, recuperada para "dentro" da família (em sentido comum e em

sentido "mafioso"), se vai tornar no principal agente da sua destruição. Outra vez, portanto, uma variação em torno da história do "filho pródigo".

THE YARDS deve algo a Coppola, evidentemente, mas também a algum Kazan. THE YARDS podia ser o resultado de um encontro entre O PADRINHO (há uma cena, com a família reunida ao jantar, que pode passar por citação explícita da obra-prima de Coppola, e ainda há a presença de James Caan, agora como patriarca) e HÁ LODO NO CAIS, com o seu olhar sobre as mafias "proletárias", a corrupção ao nível dos sindicatos (a expressão "the yards", do título original, designa os estaleiros do metropolitano de Nova Iorque, e toda a questão da corrupção anda em torno da maneira como se ganham os concursos e as encomendas para trabalhos na linha ou nos comboios), e ainda, evidentemente, através do desembocar no tema da delação, que acaba por vir aproximar a personagem de Mark Wahlberg da de Marlon Brando no filme de Elia Kazan.

Numa versão anterior deste texto, escrita na altura da estreia portuguesa do filme de Gray, este parágrafo iniciava-se com esta frase: "Este excesso de consciência, cuidadosamente fabricado e manifestado, é notório, e tem tendência a gerar um efeito um pouco mais decorativo do que o desejável". Não será caso de acharmos que "dantes éramos cegos e agora vemos", mas já não nos revemos mesmo nada nessa frase. De "decorativo" não vemos nada, a não ser o próprio "décor" no sentido estrito do termo, tratado com uma minúcia que o futuro – TWO LOVERS, THE IMMIGRANT – provaria ser um elemento fundamental na construção narrativa e na sugestão dos ambientes. E "consciência", nunca excessiva, só aquela que Gray revela pela mise en scène, uma mise en scène onde nada está ao acaso. Por exemplo na maneira como se cria um curioso efeito de suspensão no início e no fim de cada sequência: se Gray prolonga sempre o tempo um pouco para lá do que os imperativos narrativos exigiriam há também momentos em que isso acontece no início dos planos, como se uma pequena pausa viesse retardar a entrada em funcionamento da carga narrativa do plano. Por exemplo, o plano de James Caan, olhando pela janela (como se estivesse ainda à espera que o realizador desse indicação de "acção") na cena em que Wahlberg o visita para lhe pedir emprego: há uma espécie de "vazio" nesse plano muito curto, uma mistura de cansaço e tristeza, que ajuda a construir a personagem de Caan (precisamente a partir dessa indefinição) e sintetiza um pouco o espírito do filme e das outras personagens – como se, no fundo, todas elas preferissem estar a "olhar pela janela" em vez de se verem envolvidas nos complicados novelos da intriga.

De resto, todo o filme tende para o vazio. O plano final (Mark Wahlberg voltando a casa, sozinho, de comboio) é a confirmação dessa tendência – e o plano só pode ser um grande plano de Wahlberg porque não há mais nada nem mais ninguém para enquadrar nessa altura. Nessa perspectiva, THE YARDS funciona como uma pequena "tragédia de câmara": o motor do filme é um sentido fatalista e inexorável do destino, gerado a partir do momento em que as personagens passam a agir conforme o dever que o seu estatuto lhes impõe. Não se trata verdadeiramente de uma "vontade", mas de uma aceitação de algo que as transcende e que, no fundo, as controla – e sendo esse o caso, logicamente, no "body count" final as vítimas confundem-se com os sobreviventes (o plano solitário de Wahlberg lá está para nos lembrar disso, depois de tudo à sua volta ter sido destruído).

Essa mecânica trágica, impecavelmente montada a partir de uma intervenção do acaso (uma acção de sabotagem nos estaleiros que corre mal), é o que mais sobressai no filme de Gray, independentemente do que se possa achar – eterna discussão - do maior ou menor "maneirismo" da "mise en scène" do realizador. Juntamente com uma galeria de personagens cuidadosamente trabalhada, de James Caan a Faye Dunaway, capaz de dar a Ellen Burstyn (como mãe de Wahlberg) o seu melhor papel cinematográfico desde há muito, e a Joaquin Phoenix (como espécie de "irmão inimigo" do protagonista) muito provavelmente o seu melhor papel de se sempre, é razão mais do que suficiente para se gostar de THE YARDS. E reencontrá-lo depois de se terem visto os seus filmes precedentes é razão para abrir várias vezes a boca de espanto.

Luís Miguel Oliveira